

Eucaristia-Páscoa

Jesus, anualmente celebrava a Páscoa do seu povo, isto é, a saída do Egito – o êxodo e, a esta, acrescentou-lhe o sentido de sua partida para o Pai.

Hoje, também nós celebramos a Páscoa da travessia do Mar Vermelho unida com o sentido de termos alcançado a terra prometida, porque Jesus, com o seu sacrifício na cruz, nos atrai para a glória da eternidade. Dessa forma, podemos fazer memória com a esperança da plenitude do futuro.

1. Páscoa do Antigo Testamento

A Páscoa é comemorada como festa de primavera. Lembremo-nos de que no hemisfério norte as estações do ano acontecem ao contrário das nossas. Quando lá é primavera, para nós é outono. No Oriente, os judeus se alegram com a chegada da primavera, pois brotam os trigais e os primeiros cachos de uva, e procriam as ovelhas, e, por isso, desde antigamente já era costume oferecer a Deus os primeiros frutos da lavoura e as primeiras crias do rebanho, eis por que *o pão repartido e o cordeiro imolado* numa ceia ritual.

No tempo de Moisés, ainda quando os hebreus eram escravos, essa festa primaveril foi ligada à experiência do “êxodo” – saída do Egito.

A libertação do Egito ficou profundamente marcada na lembrança do povo fiel. Uma vez estabelecido na terra de Canaã, o povo continuará lembrando e celebrando a ação de Deus. Portanto, o êxodo permanecerá vivo na conduta de Israel. “Essa mesma noite do Senhor deve ser observada por todos os israelitas, por todas as gerações” (Ex 12,42). “Toda a comunidade de Israel celebrará a Páscoa” (Ex 12,47).

Em cada geração, cada homem e cada mulher deve considerar a si mesmo como se ele(a) tivesse saído do Egito, pois está escrito: “Naquele dia explicarás a teu filho: Isto é pelo que o Senhor fez por mim ao sair do Egito” (Ex 13,8). O Santo não apenas resgatou nossos pais, mas junto com eles nos redimiu também, como está escrito: “Ele nos tirou de lá para nos conduzir à terra que havia jurado dar a nossos pais” (Dt 6,23). A celebração da ceia pascal judaica se converte em *memorial* ativo que anima o povo de Deus a lutar por sua liberdade e se afastar de toda escravidão ao longo de sua história.

Memorial pascal

“Lembra-te [...] das grandiosas provas que viste com teus olhos, os sinais e prodígios, a mão forte e o braço estendido com que o Senhor teu Deus te fez sair” (Dt 7,19). O termo “lembrar”, em hebraico *zakar*, é um dos verbos mais repetidos, em suas diversas formas, no Antigo Testamento. Adquire o sentido de *proclamar, celebrar, festejar*. Um acontecimento salvador do passado, ao ser lembrado, é motivo de celebração litúrgica: “Lembra-te de que foste escravo no Egito” (Dt 5,15).

A memória bíblica é mais que uma simples função do intelecto. Afeta toda a pessoa: uma referência ao passado que envolve o presente mediante o compromisso da celebração, da conversão, da fé, do louvor.

A memória bíblica abraça todo o conjunto de acontecimentos do passado em que se encontram comprometidos Deus e o povo. Ambos se fazem presentes renovando esta relação e projetando esse acontecimento para o futuro.¹

“A Páscoa passou a ser celebrada anualmente entre o Povo de Deus, para que ninguém jamais se esquecesse da sua origem (povo escolhido e libertado da opressão do Egito) e do seu Deus.

Nosso Deus é libertador – essa era a grande certeza do povo. E a Páscoa era a grande festa da libertação. Êxodo e Páscoa são lembrados ao longo da Bíblia como marcantes e constitutivos do Projeto de Deus para seu povo, tornando-se um *credo* (oração recitada sempre pelo povo – cf. 1Sm 12,6; Js 24,17; Jz 6,8; 1Rs 8,21; 9,9; 2Cr 7,22; Jr 34,13; At 7,40; 13,17), repetido nos momentos importantes, tanto de alegria e festa como de tristeza e opressão.”²

2. Cristo, nossa Páscoa

Jesus, o Filho de Deus, nos revelou a bondade e a misericórdia do Pai por meio do seu amor levado às últimas consequências. “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1).

Sua entrega consciente àqueles que podiam matá-lo significou o enfrentamento do mal deste mundo em sua raiz. Sua única arma foi o amor desmedido.

¹ Cf. LATORRE, Jordi. *Modelos bíblicos de oração*; herança do Antigo Testamento na Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 69.

² ROSA, Dirlei Abercio da. *Projeto do Pai*; roteiro para estudo do Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 29.

Na Cruz, revela-se ao mesmo tempo “sacerdote, altar e cordeiro” (Prefácio da Quaresma V). Constituído Sumo Sacerdote e Mediador, entrega-se voluntariamente ao Pai como preço de libertação para todos. A ação poderosa do Pai, por seu Espírito, ressuscita Jesus dentre os mortos (cf. At 2,24). Este mistério central possibilita a toda a humanidade reencontrar o caminho da vida.

Ao celebrar pela última vez a Páscoa do Antigo Testamento com seus apóstolos, Jesus lhe confere um novo sentido. Antecipadamente, ele celebrou em forma de ceia pascal, o que iria acontecer no calvário no dia seguinte: o seu sacrifício de expiação pelo pecado do mundo.

Cristo Ressuscitado como o altar, o sacerdote e a vítima que se oferece pela nossa salvação. O sacrifício de Cristo na cruz, rememorado no pão e no vinho, atrai toda a humanidade e a conduz de volta, na força do Espírito, para o Pai.

Naquela noite, às vésperas de ele ser entregue, o pão, o cordeiro e o vinho da ceia pascal receberam um novo sentido. Nessa ceia, é costume bendizer a Deus sobre o pão sem fermento que é partido e distribuído; Jesus viu nesse gesto o sacrifício do seu corpo imolado na cruz e dado como alimento – “Eis o meu corpo, tomai e comei”.

Os judeus, com o banquete do “cordeiro pascal”, celebram o memorial do êxodo. Tudo isso começou precisamente com o sangue do cordeiro, que marcou suas portas na noite trágica da saída do Egito, início de sua salvação. Este grande acontecimento assinala a libertação do Egito, a aliança com Javé no Monte Sinai, a travessia do deserto durante quarenta anos e a entrada na terra prometida.

Os cordeiros sacrificados pelos judeus não eram mais que a figura e o anúncio do “verdadeiro Cordeiro” que realizou com seu sangue a Páscoa autêntica, a Passagem ao Pai, que salvou o mundo e selou a Nova Aliança. “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Ele é o verdadeiro Cordeiro, que tira o pecado do mundo.” (Prefácio da Páscoa I)

A Páscoa de Cristo, sua entrega à morte pela humanidade, substitui e cumpre a Páscoa judaica. O Servo que o profeta Isaías anunciara (cap. 53), levado à morte como um cordeiro, é este Cristo Jesus que se solidariza com o ser humano até o fim. Ele é o sacrifício definitivo e verdadeiro de toda a humanidade: “Pela oblação (oferta) de seu corpo, pregado na Cruz, levou à plenitude os sacrifícios antigos” (Prefácio da Páscoa V). Jesus é o novo cordeiro que tira o pecado do mundo, seu sangue redentor derramado na cruz perdoa todo pecado – “Eis o meu sangue, tomai e bebei”.

Sua vida entregue reconcilia a humanidade pecadora com Deus. Cristo entrega sua vida “por vós”, “por todos”, “pelo perdão dos pecados”. Essas expressões assinalam o aspecto central da morte de Jesus.

Jesus institui o *memorial de sua Páscoa* (Paixão, Morte e Ressurreição), a Eucaristia como o sacramento por excelência que expressa o significado de sua entrega como cumprimento do projeto do Reino de Deus.

Durante sua vida, Jesus celebrou muitas vezes a *Páscoa do Antigo Testamento*. Mas, no fim de seus dias, Jesus celebrou esta Páscoa e conferiu-lhe um novo sentido, o do seu sacrifício na cruz. Assim, a morte e a ressurreição de Jesus são o novo acontecimento histórico que reinterpreta a fuga do Egito. Vamos passar destes *dois acontecimentos* para suas várias celebrações na história.

A liturgia celebra a Páscoa

O *Catecismo da Igreja Católica* ensina: “O mistério pascal de Cristo é celebrado, não é repetido; o que se repete são as celebrações; em cada uma delas sobrevém o derramamento do Espírito Santo que atualiza o único mistério” (n. 1104). Uma coisa é a Páscoa como acontecimento histórico, no tempo de Pôncio Pilatos, ocorrido há dois mil anos, único e irrepetível, e outra, a sua atualização hoje em dia na celebração da liturgia.

O próprio Senhor enviou seus discípulos para celebrarem a Eucaristia como *memorial* do acontecimento culminante da história da salvação: “Façam isto em memória de mim” (1Cor 11,24-25). Participamos da Páscoa de Cristo fazendo memória, isto é, lembrando a Deus o sacrifício redentor de Cristo para que ele nos associe a esse acontecimento e renove a sua graça, por meio do gesto sacramental. Celebrar “o memorial do Senhor” significa, portanto, atualizar a presença de Cristo Ressuscitado, de modo que acontecimentos que historicamente pertencem ao passado se tornam de fato eficazes na vida do povo de Deus que celebra sua fé.

Toda a vida cristã é concebida como um caminho para reproduzirmos a páscoa de Cristo em nossa vida. Vamos de páscoa em páscoa até a páscoa derradeira.

O memorial é a chave comum: nossa celebração é o memorial sacramental do sacrifício da cruz, único e que não se repete. O sacrifício cristão cumpriu-se de uma vez por todas pela entrega pessoal de Cristo, que superou e aboliu os sacrifícios materiais de animais. Mas o mesmo Cristo quis que sua comunidade celebrasse um “sacramento desse sacrifício”, em forma de alimento memorial.

Esta é a compreensão da eucaristia pelo NT: a refeição pascal dos cristãos, memorial e sacramento do sacrifício de Cristo, que renova a aliança selada com o seu sangue, e que nos torna participantes da força salvadora de sua morte. Tanto o mistério de Cristo como a eucaristia foram compreendidos pela comunidade apostólica gradualmente sob o prisma da páscoa.

Presença do Senhor

Na comunidade reunida, como primeiro sacramento – sinal eficaz –, o primeiro “lugar” da presença viva do Senhor: *Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles* (Mt 18,20) – formamos o Corpo de Cristo! O “povo de Deus” é “congregado” para “celebrar”; chama-o também “assembléia local da santa Igreja”, que está enriquecida com uma especial presença do Senhor, segundo sua promessa.

Na presença do ministro pastor da comunidade eclesial, o visibiliza como cabeça da mesma comunidade. O presidente tem o ministério de fazer-se ver Cristo Jesus, que é o autêntico presidente, mestre e sacerdote da comunidade. Atua na pessoa de Cristo, pois, na Igreja, Cristo batiza, lê as Escrituras e concede a graça do sacramento.

- Na Palavra proclamada: ele é a Palavra definitiva do Pai à humanidade, Cristo se nos dá primeiro como Palavra salvadora, antes de dar-se a nós como alimento eucarístico. É a “dupla mesa” à qual o Senhor ressuscitado nos convida. “Lembrem-se os fiéis de que a presença de Cristo é uma só, tanto na Palavra de Deus, ‘pois quando se lê na Igreja a Sagrada Escritura, é ele quem fala’ (e Cristo anuncia o Evangelho), como especialmente sob as espécies eucarísticas.”³

Presença Eucarística de Cristo

“Sob as espécies consagradas do pão e do vinho, Cristo mesmo, vivo e glorioso, está presente de maneira verdadeira, real e substancial, seu corpo e seu sangue, com sua alma e sua divindade.”

Sua presença chega à plenitude na doação eucarística, mas já é real antes. A presença estritamente eucarística “chama-se real, não por exclusão, como se as outras não fossem reais, mas por antonomásia, porque é substancial, quer dizer, por ela está presente, de fato, Cristo completo, Deus e homem”.⁴

Essa visão global da multiforme presença do Senhor em nossa vida e na celebração dos sacramentos não diminui o valor e a admirável profundidade de sua presença no pão e no vinho eucarísticos. Mostra a progressiva densidade de sua presença, que culmina em sua doação no pão e no vinho como refeição do Reino dada à sua comunidade. Toda presença de Cristo é “real”, pessoal, ativa, salvadora. Exatamente nesse conjunto de manifestações, brilha com luz própria a presença eucarística.⁵

³ *Elenco das Leituras da Missa*, n. 46. Cf. também *Instrução Geral sobre o Missal Romano*, n. 29.

⁴ PAULO VI. *Mysterium fidei*, carta encíclica sobre o culto da sagrada eucaristia, n. 46, 1965.

⁵ Cf. *Instrução Geral sobre o Missal Romano*, n. 27.

A Igreja emprega o termo transubstanciação para explicar a transformação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue do Senhor. Este termo evita dois extremos: o excessivo realismo quase-físico (porque muda a substância, o que está debaixo, ao passo que permanece todo o físico, os acidentes); e também o simbolismo espiritualizante (porque muda a substância, o mais profundo do ser).

Testemunho eucarístico

Recordamos com admiração o gesto do adolescente Lucas Vezzaro, que, aos 14 anos, consumou plenamente o dom de si após salvar, um a um, três colegas do ônibus escolar que caiu numa represa aos 17 de setembro de 2004, em Erechim (RS). Bom nadador, começou a ajudar as vítimas, em vez de procurar a segurança da margem do lago. Primeiro, agarrou sua prima Daiane e a arrastou para a beirada da represa, depois a Márcia, em seguida a Angélica; na quarta vez já não voltaria mais.

Recorda a mãe: “Lucas era um menino que nunca conseguiu ver alguém em dificuldade sem oferecer ajuda”. Era filho único. Após o almoço, lavava a louça, passava aspirador de pó na casa, varria o quintal, cuidava da horta e fazia a lição de casa. Mesmo com tantos afazeres, ainda achava tempo para o futebol com os amigos.⁶

Viveu, como Jesus, a máxima oferta eucarística: *Ninguém tem maior amor, do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos* (Jo 15,13).

Terminamos aqui essa nossa aula sobre A Eucaristia é Páscoa, na próxima aula falaremos sobre Eucaristia Oferenda. Espero por você Até lá!

NUCAP – Núcleo de Catequese Paulinas

Livros indicados:

NADEAU, Marie-Thérèse. *Eucaristia*. Memória e presença do Senhor. São Paulo, Paulinas, 2004.

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS – PASTRO, Claudio. *Iniciação à liturgia*. São Paulo, Paulinas, 2012.

AZEVEDO, Walter Ivan de. *O pão da vida*. São Paulo, Paulinas, 2012.

⁶ Cf. SCHELP, Diogo. O pequeno grande herói. *Veja*. São Paulo, Editora Abril, 29 set. 2004.